

O golpe de 1964 e a ditadura militar

Júlio José Chiavenato

SUPLEMENTO DIDÁTICO

Sugestões de atividades elaboradas por:

Samir Thomaz – Jornalista com especialização em globalização
e cultura, escritor, editor e produtor de conteúdos.

Maria Lúcia de Arruda Aranha – Licenciada em Filosofia pela
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, lecionou Filosofia no Ensino Médio e
é autora de diversos títulos da Editora Moderna.

O AUTOR

Júlio José Chiavenato – nasceu em Pitangueiras (SP). Tem formação autodidata
e durante vinte anos trabalhou em jornais da região de Ribeirão Preto.
Conheceu boa parte da América Latina de motocicleta. É autor muito requisitado
para ministrar palestras sobre os temas que aborda em seus livros.

A OBRA

A face mais conhecida da ditadura militar que se instaurou no Brasil após o golpe militar de 1964 é a da violação dos direitos humanos. Seja na forma das perseguições a guerrilheiros, da tortura aos presos políticos, da censura a artistas e intelectuais e à imprensa, da cassação dos direitos políticos, o regime de exceção que acometeu Brasília ainda prima por mobilizar sentimentos desconcertantes em quem teve um mínimo contato com os fatos. Essa face, porém, é apenas a mais evidente, ou talvez a mais midiática.

Em *O golpe de 1964 e a ditadura militar*, o historiador Júlio José Chiavenatto nos mostra, além dos aspectos já mencionados, uma outra face, menos divulgada, porém não menos importante da ditadura pós-1964: a genealogia do golpe, suas motivações ocultas, seus meandros insuspeitados, suas engrenagens invisíveis. O autor examina com riqueza documental as raízes econômicas, sociais e políticas que propiciaram o golpe. Embora João Goulart não representasse de fato o “perigo vermelho”, suas propostas de reformas ameaçavam os privilégios das elites econômicas urbanas e latifundiárias. Além disso, as ideias nacionalistas tentavam romper com o modelo dependente de nossa economia, o que contrariava os interesses da indústria comprometida com o capital estrangeiro.

Uma forte propaganda, financiada pelos Estados Unidos, atemorizava a classe média brasileira, conseguindo a adesão da sociedade civil contra o governo. A mesma sociedade civil que, pouco depois de 1964, desencantou-se com os rumos da política dos militares, com a impiedosa repressão e com o aniquilamento do estado de direito. Como decorrência, advieram a corrupção, a inflação e a maior dependência externa da nossa economia, que redundaram no aumento substancial da dívida externa, no sucateamento da saúde e da educação e no aumento da miséria do povo.

Há quem afirme, abusando do senso comum, que a história é meramente o estudo do passado. Mas sabemos que os fatos não vivem estanques. No tocante ao golpe de 1964, cinquenta anos depois de sua eclosão, os fatos insistem em fazer valer a máxima famosa do escritor italiano Giuseppe di Lampedusa, em *O leopardo*: “É preciso que as coisas mudem para que tudo permaneça como está”. Fixos no tempo, paradoxalmente, os fatos nos desafiam a elucidá-los.

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO MÉDIO (1º, 2º E 3º ANOS) E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Temas transversais: Ética, Independência, Violência, Pluralidade Cultural, Memória, Política.

Trabalho interdisciplinar: Língua portuguesa, História, Literatura, Música e Cinema.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Atividades para antes da leitura

É estimulante iniciar a leitura com os conhecimentos que os alunos já trazem consigo, levantando questões que provoquem a curiosidade ao antecipar o que vai ser lido, a fim de instigar a participação.

1. Inicialmente, perguntar aos alunos se eles já leram algo sobre o golpe de 1964 ou se acompanharam as notícias que fazem menção a esse fato. As respostas devem ser orais e espontâneas e gerar uma pequena discussão inicial. O objetivo da atividade é chamar a atenção da turma para a importância do assunto, sem, no entanto, aprofundar-se nele.
2. Na mesma discussão, perguntar a eles se já ouviram falar da *Comissão da Verdade*. Questionar o que sabem a respeito, deixando que estendam possíveis opiniões favoráveis ou contrárias ao intuito da Comissão. Ainda aqui, a sondagem deve ser para perceber o grau de interesse dos alunos sobre assuntos relacionados ao golpe de 1964.
3. Explicar aos alunos que os militares se referem a esse levante militar como “revolução”, enquanto os civis se referem a ele como “golpe”. Questionar os alunos sobre as duas expressões: qual é a intenção de cada um dos lados ao nomear o mesmo acontecimento com nomes diferentes?

4. Perguntar aos alunos se eles sabem o que é *genealogia*. Explicar a eles que *genealogia* é um estudo que tem por finalidade estabelecer a origem de algum fato. Nesse sentido, informe aos alunos que o livro que eles vão ler não vai se ater somente aos fatos mais conhecidos da ditadura militar, mas também a suas causas e motivações, que nem sempre são mostradas claramente.

Atividades para durante a leitura

Embora os alunos tenham ritmos diferentes de leitura, é importante que o professor os acompanhe, a fim de contornar possíveis dificuldades e tornar o processo mais sistemático. Por exemplo, chamar a atenção para a estrutura do texto, esclarecer dúvidas de vocabulário, de gráficos, tabelas ou de alguns temas abordados, utilizar mapas quando for o caso etc. Para que a leitura se torne ainda mais ativa, é bom propor aos alunos que façam sinais a lápis nas margens das páginas: (!) se ficaram surpresos com alguma passagem; (?) se não compreenderam bem algum trecho; ou (#) quando não concordaram com o autor.

1. Solicitar aos alunos que anotem as palavras que não conhecem e as pesquisem no dicionário. O objetivo é que, após a leitura, cada um confronte sua lista com as dos demais, a fim de elaborar um glossário das palavras mais complicadas.

Ficha de palavras (sugestões):

acintosamente	algagueite	anacrônico
anistia	antisemitismo	arauto
ardiloso	borleguim	brasilianista
cartelização	caserna	caudilho
clientelista	conflagrar	coronelismo
dedo-duro	dedurismo	delação
desagravo	dissidência	empastelar
entreguismo	envilecer	esfinge
espoliar	espúrio	estoicismo
fomentar	foquismo	geopolítica

grileiro	ingerência	inócuo
justiçamento	legalidade	macular
maniqueísta	manobra	maquiavélico
moratória	oligarquia	paliativo
paralogismo	paternal	patológica
plebiscito	posseiro	pragmático
promulgar	pruridos	racha
reboquismo	recessão	referendar
reformista	retórica	retrógrado
sancionar	solapar	subliminar
sumário	usurpar	venalidade

2. Pedir aos alunos que pesquisem o significado dos seguintes termos ou expressões-chave que constam no livro:

Ficha de expressões (sugestões):

a reboque	alquimia eleitoral	bancada fisiológica
bens de consumo	boia-fria	boinas verdes
curral eleitoral	destino manifesto	elite orgânica
estado de sítio	estado-barão	evasão de cérebros
exportar a revolução	fiel da balança	fronteira ideológica
guerrilha urbana	homem gabiru	indústria de base
inocente útil	intelectual orgânico	juiz togado
linha-dura	luta fratricida	mananciais de votos
manobrar os cordéis	modelo dependente	ópera-bufa
oposição consentida	paraíso fiscal	parque industrial
pequeno-burguês	senador biônico	testa de ferro

3. Solicitar aos alunos que passem a ler jornais, assistir aos telejornais e a observar fatos relacionados à questão do golpe militar de 1964 e aos trabalhos da Comissão da Verdade. Pedir a eles que, no período da leitura do livro, façam relatórios semanais sobre o trabalho da Comissão e tragam para discussão em sala de aula.

Atividades para depois da leitura

Algumas questões servem para verificar a compreensão de conceitos e para identificar as principais teses do autor. A seguir, as discussões devem permitir a retomada das considerações iniciais para examiná-las à luz dos novos conceitos aprendidos e para aplicá-las ao contexto vivido. Nesta etapa, a interpretação e a problematização são importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico. Esse processo será enriquecido pelo exercício da interdisciplinaridade, ao se relacionar o que foi discutido com outras áreas do conhecimento humano.

1. Solicitar aos alunos que se dividam em grupos. Propor a cada grupo que pesquise uma das reformas de base de João Goulart. A pesquisa deve apresentar a situação do assunto da reforma em 1963 (ano crucial para o aumento da tensão política), e o que João Goulart propunha para cada setor. A incumbência dos temas pode ser feita por sorteio.
2. Perguntar aos alunos se eles conhecem alguém ou se têm alguém na família que foi militante político durante o período de repressão no Brasil. Caso algum aluno conheça, levantar a possibilidade da realização de uma entrevista em áudio ou vídeo com a pessoa para apresentação em sala de aula.
3. Perguntar aos alunos se eles acham a classe média do início dos anos 1960 parecida com a classe média de hoje no Brasil. Pedir que expliquem suas respostas. Leve-os a se questionar se os ânimos dos vários setores da população mudaram muito desde 1964.
4. Propor uma redação sobre a afirmação do autor: “o golpe de 1964 é uma consequência, não um ponto de partida” (página 74). Orientar os alunos quanto à noção de continuidade da história. O que se entende, afinal, por “consequência” ou “ponto de partida”. Levar os alunos a relativizar essas expressões, percebendo que os fatos da história estão, a todo momento, se interinfluenciando, ou seja, que a história é dinâmica.
5. Discutir informalmente com os alunos a seguinte expressão do autor: “ao subordinar a nação aos princípios de ‘segurança’, perde-se o caráter de nacionalidade” (página 95). Fazer que os alunos percebam a ênfase dada pelo autor à primazia dos militares quanto à questão da segurança nacional, em detrimento das necessidades do povo e da autonomia da nação.
6. Pedir aos alunos que, em grupos, façam uma dramatização do golpe militar. Orientar o grupo a elaborar um roteiro no qual devem incluir diálogos significativos das ações que envolveram o golpe. Os principais personagens do episódio devem estar presentes.
7. Questionar sobre qual foi o papel da Igreja antes, durante e depois do golpe de 1964. Levar os alunos a questionar se é desejável que instituições religiosas participem do debate político. A discussão pode se estender para o debate sobre a laicização da sociedade brasileira, uma vez que, na Constituição, o Brasil é definido como um Estado laico, mas na prática não é isso o que acontece.
8. Dividir a turma em grupos. Em seguida, fazer um sorteio e incumbir cada grupo de pesquisar sobre um dos seguintes temas:
 - A Guerra Fria
 - A Escola Superior de Guerra (ESG)
 - Sociedade civil
 - O “Milagre” Econômico
 - O Dops – Departamento de Ordem Política e Social
 - O DOI-Codi – Destacamento de Operações e Informações e Centro de Operações de Defesa Interna
 - A Oban – Operação Bandeirantes

- O conceito de “revolução permanente” de Trotsky
 - As Ligas Camponesas
 - O CCC – Comando de Caça aos Comunistas
 - *A Opus Dei*
9. Propor aos alunos uma discussão sobre a divisão das esquerdas antes, durante e depois do golpe. Questioná-los sobre o motivo de isso ter acontecido.
 10. Pedir aos alunos que escrevam uma carta a um amigo tentando convencê-lo de que o conflito faz parte da essência da democracia.
 11. Dividir a turma em grupos. Em seguida, fazer um sorteio e incumbir cada grupo a pesquisar um grupo revolucionário, seus líderes e sua atuação no período de resistência:
 - PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário
 - MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de Outubro
 - VPR – Vanguarda Popular Revolucionária
 - VAR-Palmeiras – Vanguarda Armada Revolucionária
 - ALN – Aliança Libertadora Nacional
 - Polop – Política Operária
 - AP – Ação Popular
 12. Propor à turma uma mesa-redonda pró e contra João Goulart. Em princípio, a divisão da mesa pode ser feita mediante consulta da opinião dos alunos sobre João Goulart. Se as opiniões não estiverem divididas, a composição da mesa deve ser feita por sorteio. Os alunos devem debater, principalmente, a postura de Jango: covarde ou responsável? Latifundiário ou revolucionário? Populista e demagogo ou realmente envolvido com as causas do povo?
 13. Pedir aos alunos que discutam, com base em informações do livro, por que, apesar da expressiva expansão da agricultura brasileira nos primeiros anos da ditadura, houve uma queda acentuada no consumo de alimentos pela população.
 14. Propor aos alunos um debate a respeito das duas formas de violência decorrentes da instauração da ditadura:
 - a) a do governo militar contra os que a ele se opunham;
 - b) a dos oponentes que optaram pela luta armada.
 15. Há quem argumente que a pobreza poderia ser amenizada caso as famílias diminuíssem o número de filhos. Durante o governo Castelo Branco, várias missões religiosas norte-americanas receberam autorização para promover o controle de natalidade no Norte e no Nordeste do Brasil. Solicitar aos alunos que discutam em que medida essa política está desfocada das causas principais da pobreza. Além disso, pedir a eles que discutam o caráter ético desse tipo de intervenção.
 16. Propor aos alunos uma discussão sobre o dia do golpe. Perguntar a eles em que momento exatamente o golpe aconteceu. Levá-los a perceber como se articula a política, ou que as coisas na política só acontecem quando as articulações se mostram efetivas. No caso do golpe, os alunos devem perceber o quanto ele foi preparado, de modo que, quando aconteceu, não houve sequer derramamento de sangue.
 17. Propor à turma que, em grupos, dramatizem os atos institucionais, fazendo uma leitura de cada um deles. Após as leituras, promover uma discussão sobre os seus conteúdos. Leve-os a perceber o aumento gradativo da repressão a cada ato institucional.
 18. Pedir aos alunos que procurem na internet fotos da volta dos exilados políticos em 1979. As fotos podem ser expostas em um mural na sala. Enfatizar para eles a simbologia desse acontecimento: as coisas começavam a caminhar para uma abertura política, o que de fato aconteceu.
 19. Perguntar aos alunos o que eles entenderam do trecho que afirma que “as eleições se tornaram

- plebiscitárias” (página 123). Levá-los a perceber o perigo que representou o fato de haver apenas dois partidos, que logo se tornaram “plebiscitários”, ou seja, diante deles o povo só tinha uma opção: ou se posicionava a favor, ou contra.
20. Pedir aos alunos que, em grupos, discutam a postura da imprensa antes, durante e depois do golpe. Levá-los a perceber a importância que os meios de comunicação de massa já tinham nos anos 1960. Lembrá-los de que a imprensa é considerada o “quarto poder”.
 21. Perguntar aos alunos o que eles entendem por “opinião pública”. Ela realmente tem peso? E quanto aos “formadores de opinião”? Quem eram eles na época do golpe de 1964? Quem são eles hoje?
 22. Propor aos alunos uma conversa informal comparando os momentos agitados do primeiro semestre de 1964 com as manifestações de rua que desde 2013 vêm acontecendo no Brasil. Perguntar a eles o que há de igual e o que há de diferente entre os eventos. Por fim, questioná-los sobre se, após a longa experiência do período militar, o Brasil tornou-se uma democracia justa.
 23. Propor à turma que comente a postura dos militares diante dos Estados Unidos, segundo várias descrições do livro. Perguntar aos alunos o que eles acharam da frase “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”, do general Juraci Magalhães (página 109). Por fim, perguntar se eles acham que os Estados Unidos invadiriam mesmo o Brasil e, se isso ocorresse, o que acham que poderia ter acontecido.
 24. “Sinto-me feliz todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranquilizante após um dia de trabalho.” Solicitar aos alunos que justifiquem por que essa declaração do general Médici não condizia com a realidade de um dos períodos mais repressores da ditadura.
 25. Propor aos alunos que, em grupos, pesquisem como foi a censura à imprensa durante o período militar. Pedir a eles que investiguem especialmente a censura ao jornal *O Estado de S. Paulo*, que foi obrigado a publicar livros de receitas e versos de Camões por causa da censura. Reportagens eram vetadas em cima da hora, sem tempo hábil para a substituição por outra – daí o recurso às receitas e aos versos. Levá-los a perceber como a liberdade de expressão foi cerceada durante o regime.
 26. Pedir aos alunos que procurem no dicionário o significado da palavra *kafkiano* e como ela se aplica ao período da ditadura. Explicar a eles que essa palavra se origina do nome do escritor tcheco Franz Kafka, autor, entre outros, do romance *O processo*, cujo protagonista, Joseph K., um dia é preso sem explicações aparentes. A história de *O processo* é a história da busca obcecada de Joseph K. para saber de que crime o acusam. Desde então, a palavra *kafkiano* significa qualquer situação absurda de perseguição, que não conseguimos entender nem explicar.
 27. Pedir aos alunos que tragam fotografias impressas de três das maiores manifestações políticas dos anos 1960: o Comício do dia 13 de março de 1964, a Passeata dos 100 mil e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Solicitar que escolham as melhores e organizem um mural sobre os três eventos. Há um bom material iconográfico para pesquisa na internet.
 28. A certa altura do livro, o autor deixa o leitor à vontade para questionar suas colocações e apontar suas falhas. Pedir aos alunos, então, que façam essa crítica e apontem aquilo de que não gostaram no livro ou com o qual não concordaram.
 29. Pedir à turma uma redação inspirada nessas duas passagens do livro:
 “Quem esperou, desapareceu na história ou tornou-se uma nebulosa indefinida. Quem lutou, fez história.” (página 171).
 “[...] embora sem muita convicção teórica, havia uma certeza – era preciso lutar.” (página 173).
 30. Pedir aos alunos que busquem a origem da frase “os fins justificam os meios”. Questioná-los

sobre de que forma a frase pode ser aplicada à ação tanto dos militares quanto dos guerrilheiros. Explicar a eles que a frase é do teórico político e escritor italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527), que afirmava que, na política, o mais importante não eram as ações virtuosas ou buscar o bem comum, mas criar mecanismos para conquistar o poder, e, uma vez conquistado, não medir esforços para se manter nele.

31. Pedir aos alunos uma pesquisa sobre o jornal *O Pasquim*. Solicitar a eles que tragam reproduções de capas do jornal, reproduções de charges e desenhos dos cartunistas Henfil, Jaguar, Ziraldo, entre outros. Explicar que *O Pasquim* fazia parte do que se passou a chamar “imprensa nanica”.

Atividades interdisciplinares

Língua Portuguesa

Pedir aos alunos que extraíam do texto três momentos em que o autor usa de ironia. Explicar a eles que, nesse caso, a ironia se justifica pelo sentimento de indignação que ainda hoje acomete as pessoas que viveram o período da ditadura ou que leram sobre ele.

História

Propor aos alunos que, em grupos, façam uma pesquisa sobre a Revolta da Chibata, de 1910. Orientá-los a dar especial atenção ao líder da revolta, João Cândido, que é mencionado no livro. Sugerir que, antes da apresentação da pesquisa, seja ouvida em sala a música “O mestre-sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc, na voz de Elis Regina, em homenagem ao “navegante negro” João Cândido: https://www.youtube.com/watch?v=n6-i_XQsxCE (acesso em 28 mar. 2014).

Literatura

1. Sugerir aos alunos a leitura e a análise de um significativo trecho do poema “Que país é este?”, do poeta mineiro Affonso Romano de Sant’Anna: <http://www.escritas.org/pt/poema/12808/que-pais-e-este> (acesso em 28 mar. 2014).

A leitura pode ser o ponto de partida para um debate sobre o Brasil de 1964 e o Brasil atual. O debate pode ser precedido pela audição da canção homônima de Renato Russo, “Que país é este?": https://www.youtube.com/watch?v=wVLFLnlUo_c (acesso em 28 mar. 2014).

2. Propor a leitura das seguintes obras, que abordam a ditadura militar:
 - SARKIS, Alfredo. *Os carbonários*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2008.
 - GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?*. São Paulo: Cia. de Bolso, 1996.
 - BETTO, Frei. *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Música

1. A letra da música “Cálice”, de Chico Buarque, Gilberto Gil e José Roberto Molina, de 1973, diz: “Pai, afasta de mim esse cálice / de vinho tinto de sangue”. Levar os alunos a observar que o verso reproduz a fala de Cristo, antevendo seu martírio. Além disso, é feito um jogo com a palavra “cálice”, que pode ser ouvida como “cale-se”. A partir dessas evidências, pedir aos alunos que discutam e identifiquem quais são as críticas dirigidas ao regime militar, fundamentando a resposta com fatos.
2. Promover em sala de aula a audição de três canções que representam três momentos do período da ditadura:
 - “Apesar de você” (1971), de Chico Buarque: composta no período auge da ditadura: https://www.youtube.com/watch?v=1ZNNUU_AbXs (acesso em 28 mar. 2014).
 - “O bêbado e a equilibrista” (1979), de João Bosco e Aldir Blanc; feita em homenagem à abertura política de 1979, promovida pelo presidente João Baptista Figueiredo: <https://www.youtube.com/watch?v=6kVBqefGcf4> (acesso em 28 mar. 2014).
 - “Vai passar” (1984), de Chico Buarque: composta no contexto das Diretas Já: https://www.youtube.com/watch?v=9A_JrsJF6mM (acesso em 28 mar. 2014).

Ao final das três audições, propor aos alunos que relacionem as letras com cada momento do período de repressão política no Brasil.

3. Propor à turma a audição da música “Ideologia”, do cantor e compositor Cazuza: <https://www.youtube.com/watch?v=UioudOtAsCQ> (acesso em 28 mar. 2014).

Em seguida, pedir aos alunos que façam uma redação de aproximadamente 20 linhas sobre a letra da canção.

Cinema

1. No clássico do cinema italiano *O Leopardo* (1963), de Lucchino Visconti, a aristocracia da Sicília, no século XIX, se vê ameaçada pelas mudanças decorrentes da unificação da Itália, implementada por Garibaldi. O príncipe de

Salina, Dom Fabrizio, ouve o conselho do sobrinho: “É preciso que tudo mude para que tudo permaneça como está”. A partir da frase citada, pedir aos alunos que expliquem por que o golpe de 1964 não foi propriamente uma revolução.

2. Promover em sala sessões de cinema com os seguintes filmes:
 - *Diário de uma busca*, direção de Flávia Castro;
 - *O que é isso, companheiro*, direção de Bruno Barreto;
 - *Marighela*, de Isa Ginspum Ferraz;
 - *Ninguém sabe o duro que eu dei*, de Micael Langer, Calvito Leral e Cláudio Manuel;
 - *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho;
 - *Lamarca*, de Sérgio Rezende.